



## A INFLUÊNCIA DE FATORES LINGUÍSTICOS NA VARIAÇÃO DAS PALAVRAS PROPAROXÍTONAS EM TRÊS COMUNIDADES RURAIS BAIANAS

Jan Carlos Dias de Santana\*  
Eliana S. Pitombo Teixeira\*\*

**Resumo:** *Este estudo focaliza o fenômeno da síncope em proparoxítonas na fala de habitantes de Bananal/Barra dos Negros, Matinha e de Piabas, comunidades da zona rural do semiárido baiano. Propomos uma análise de alguns fatores linguísticos condicionadores da variação na pronúncia de tais palavras.*

**Palavras-chave:** Síncope das proparoxítonas; Português rural; Bahia.

### INTRODUÇÃO

Este estudo focaliza a ocorrência do processo de simplificação fonológica quanto à redução das palavras de acentuação proparoxítona a paroxítona através do apagamento de um ou mais segmentos, buscando verificar, por meio de uma análise quantitativa, a influência de fatores linguísticos condicionadores deste processo de síncope nas proparoxítonas.

Os *corpora* foram constituídos a partir da coleta de registros fônicos de trinta e seis informantes das comunidades Bananal/Barra dos Negros, Matinha e de Piabas. A opção por estas comunidades decorreu do fato de elas integrarem as localidades rurais selecionadas pelo Projeto de pesquisa *A Língua Portuguesa no Semi-Árido Baiano*<sup>1</sup> e, ainda, ser linguisticamente pouco estudada.

Este artigo está dividido em três partes. A primeira apresenta um breve histórico das transformações sofridas pela Língua Portuguesa, ressaltando que o processo de síncope ocorre desde a formação da língua. Na segunda parte, são apresentadas as comunidades escolhidas para o estudo e a metodologia utilizada. A análise dos dados obtidos na pesquisa é apresentada na terceira parte, com o apoio de tabelas. Para concluir, fazem-se considerações a respeito dos resultados.

---

\* Graduado em Letras com Espanhol pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e membro do grupo de pesquisa 'Constituição, variação e mudança do/no português' – Autor.

\*\* Professora Dra. do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana -Orientadora

<sup>1</sup> O projeto de pesquisa "A Língua Portuguesa no Semi-Árido Baiano" está, em desenvolvimento oficial, desde 1998, e faz parte do Núcleo de Estudos da Língua Portuguesa (NELP), do Departamento de Letras e Artes da UEFS, que tem, por objetivo, contribuir para o conhecimento da realidade linguística brasileira, quanto ao português falado em localidades do semi-árido baiano. Já foram mapeadas as localidades de Piabas, Barra dos Negros, Bananal, Mato Grosso, Cinzento, Casinhas, São José das Itaporocas e Matinha. A próxima fase do projeto prevê a formação de um banco de dados com registros fônicos da cidade de Feira de Santana.



## 1 A VARIAÇÃO EM PROPAROXÍTONAS NA HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

É sabido que a língua portuguesa pertence ao grupo de línguas românicas, tendo o seu ponto de partida no latim vulgar. Este era a língua falada pelo povo e foi implantado em diversas regiões da Europa por causa de conquistas militares e do conseqüente domínio político e cultural de Roma, promovendo, assim, a constituição do Império Romano e a diversificação da Língua Latina pelo vasto território, devido às diferenças dialetais na língua dos colonos.

Por volta do século II a.C, o latim foi trazido para a Península Ibérica e somente mais tarde, a partir do século IX d.C., numa nova fase lingüística, o românico lusitano teria se constituído como língua. Como atenta Williams (1994:26), provavelmente, a causa mais importante de diferenciação, do latim ao português arcaico, foi o incremento do acento de intensidade no românico, por influência das invasões germânicas, quando os invasores acentuaram o latim com a prosódia característica de sua própria língua e um dos resultados dessa influência foi estimular a queda da vogal postônica da penúltima sílaba. Segundo Coutinho (1970:106), esta tendência de sincopar um ou mais segmentos na sílaba átona postônica, que se manifesta desde o latim, pode estar relacionada à ambiência em que a vogal postônica se encontra. Registros mostram alterações significativas no sistema linguístico, no qual a vogal postônica sincopa em proparoxítonas, conforme é visto em Williams (1994:66): [diálogo] > [diaglo], [áspero] > [aspro], [têmpora] > [tempra], [árvore] > [arvre], [pêssego] > [pesgo], e [sábado] > [sabdo].

É bom salientar que estas variantes apresentadas apareciam, com mais frequência, na fala coloquial e dialetal do português arcaico, sendo que as modificações que ocorriam nessas palavras, na maior parte das vezes, não eram reveladas na grafia porque a sua forma padrão já havia sido registrada pela impressão. No entanto, outras palavras como [littera], [viride], [calido], [lepore], [manica], [versicu] e [himino] entraram para o léxico do português moderno como as paroxítonas [letra], [verde], [caldo], [lebre], [manga], [vesgo] e [hino], respectivamente. Segundo Amaral (2002:99), “das classes acentuais da língua portuguesa, as proparoxítonas constituem a menor e a mais especial. Na primeira edição do Dicionário Aurélio, entre 120.000 verbetes, aproximadamente, apenas 8.520 são proparoxítonas.” Por isso, pode-se dizer que o português arcaico se “libertou” de alguns proparoxítonos e os raríssimos que existem no léxico atual da língua são empréstimos.

Sobre esse fato, Câmara Jr. (1985:35) diz que:

A maioria dos esdrúxulos portugueses decorre do empréstimo em massa de palavras do latim clássico, que se processou em português, especialmente a partir do séc. XVI; entre elas vieram palavras gregas que o latim clássico tinha adotado e adaptado a sua estrutura. Mais tarde houve empréstimos diretos do português ao grego clássico com a tendência a acentuá-los de acordo o princípio geral da prosódia latina. Também aumentaram o número de esdrúxulos os empréstimos ao italiano pela língua literária portuguesa, a partir também do século XVI, pois em italiano não houve a supressão românica da penúltima sílaba átona dos esdrúxulos latinos.

Conforme aponta Silva Neto (1946:31), o texto do *Appendix Probi* foi escrito por quem, evidentemente, se preocupava com a forma padrão da língua latina, pois o autor da obra elencou uma série de palavras em uma lista, atentando por suas pronúncias corretas. E observando o texto, encontram-se palavras em que acontecia a redução do vocábulo com a queda da vogal



postônica não-final, já existindo, claramente, a tendência de transformar proparoxítonas em paroxítonas: “*speculum non speclum – masculus non masclus – vernaculus non vernaclus – articulus non articlus – oculus non oclus – stabulum non stablum – viridis non virdis*” (*Ibidem*:53-59).

Assim, nesse breve esboço histórico, pudemos perceber que, na formação da língua portuguesa, já ocorria o fenômeno da síncope, o que se repete em variedades do português falado de hoje.

## 2 AS COMUNIDADES ESTUDAS E METODOLOGIA

Fazem parte deste trabalho algumas entrevistas gravadas em comunidades do semiárido baiano. A localidade de Bananal/Barra dos Negros<sup>2</sup> está situada no município de Rio de Contas, na parte sul da região da Chapada Diamantina. A Matinha é uma comunidade remanescente de quilombo que está localizada na zona rural da cidade de Feira de Santana, região do Paraguaçu. A localidade de Piabas é um pequeno povoado, de maioria negra, que faz parte da zona rural de Ancelino da Fonseca (ou Caem, como é mais conhecido), em Jacobina, região do Piemonte da Diamantina. Estas comunidades são povoadas, predominantemente, por trabalhadores rurais que cultivam feijão, mandioca e milho para o auto-sustento.

A opção por estes informantes justifica-se pelo fato de essas comunidades, como de um modo geral os habitantes da zona rural, apresentarem um tipo de linguagem a que Donegan & Stampe (1979, p. 28) denominam de *natural*, no sentido de Platão, “uma linguagem que se apresenta mais como um reflexo das necessidades, capacidades e universo de seus usuários e menos do que uma instituição convencional.” Nela, são utilizados processos foneticamente motivados, que também estão presentes na linguagem da criança na fase de aquisição, fornecendo pronúncias temporárias até o momento em que elas consigam dominar a pronúncia adulta. Sua principal característica é a simplificação decorrente da tendência humana a buscar facilidade articulatória. No dizer de Donegan & Stampe (1979, p. 44), “apesar de serem substituições mentais, os processos são substituições que surgem como respostas a dificuldades físicas fonéticas.” Nos adultos analfabetos ou com baixo nível de escolaridade, que vivem em comunidades rurais, geralmente fechadas, esses processos tentem a persistir e são muitos deles estigmatizados. Nesse tipo de processo, inclui-se a síncope das proparoxítonas.

Este trabalho é um recorte de um estudo sociolinguística, feito a partir da linha teórico-metodológica proposta por Labov (1972), que procurou identificar os contextos linguísticos e extralinguísticos que condicionam a variação – redução ou não-redução da palavra de acentuação proparoxítona à paroxítona (Cf. SANTANA, 2008a). Porém, aqui nos deteremos apenas na análise dos fatores estruturais, como já referido anteriormente.

Os *corpora* utilizados constituem-se de 552 dados, obtidos a partir de gravações da fala de trinta e seis informantes, divididos em 18 homens e 18 mulheres, distribuídos em três faixas etárias: Faixa I (15 a 35 anos), Faixa II (36 a 55 anos) e Faixa III (acima de 56 anos) e em dois níveis de escolaridade: analfabetos e alfabetizados. Os fatores linguísticos estabelecidos para verificar a ocorrência da variante foram: qualidade da vogal postônica (anteriores, central e posteriores), estrutura da sílaba (leve e pesada), dimensão da palavra (trissílabo e polissílabo), contexto fonológico seguinte à vogal postônica (líquida lateral, líquida vibrante (tepe) e outras

---

<sup>2</sup> O Projeto considerou as localidades de Bananal e Barra dos Negros como uma só localidade, visto que são comunidades gêmeas de afro-descendentes.



consoantes) e contexto fonológico antecedente à vogal postônica (sibilantes, nasais e outras consoantes).

Após o levantamento dos dados, buscando catalogar as formas relevantes para o estudo – as tradicionais e as sincopadas, fez-se a codificação e, logo em seguida, submetem-nos ao Programa GoldVarb 2001, versão em Windows do VARBRUL, ferramenta indispensável na pesquisa sociolinguística, a fim de verificar os possíveis fatores condicionadores da ocorrência da síncope.

### 3 ANÁLISE DOS DADOS

Na primeira e definitiva rodada, observou-se que os fatores escolhidos pelo Programa foram, em ordem de relevância, contexto fonológico seguinte, contexto fonológico antecedente, qualidade da vogal postônica, escolaridade e comunidade estudada.

Em relação ao contexto fonológico seguinte, Amaral (2002, p. 105) observa que “as líquidas constituem um dos ambientes mais favorecedores ao apagamento da vogal postônica não-final.” Este fato é, perfeitamente, explicável em termos articulatórios, pois a queda da vogal possibilita o molde silábico CCV, formando um grupo de consoantes já existentes no português: “abóbora” > “abobra”, “chácara” > “chacra”, “óculos” > “oclus”, “árvore” > “arvre”. É exatamente isso o que mostra a tabela 1, a seguir:

**Tabela 1.** Contexto fonológico seguinte à vogal postônica na presença da síncope

Fatores	Ocorrência/Total	Porcentagem	Peso relativo
Líquida lateral	04 / 10	40%	.96
Líquida vibrante	18 / 46	39%	.89
Outras consoantes	39 / 497	7%	.44
Total	61 / 552	11%	
Input.11			Significância .044

De acordo com a tabela acima, constata-se que a queda da postônica não-final realmente acontece, em maior frequência, quando seguida de consoantes líquidas (lateral e vibrante simples). Já o efeito das outras consoantes (oclusivas, fricativas e nasais, com peso relativo de .44) não se mostrou significativo. Observou-se, contudo, que, quando a vogal postônica se encontra entre duas oclusivas, há uma tendência, principalmente entre os informantes analfabetos, à supressão da vogal e da consoante seguinte, como no exemplo: “sábado” > “sabo”, “cágado” > “cago”, “fígado” > “figo”.

Em relação ao contexto fonológico antecedente, observaram-se algumas consoantes precedentes à vogal postônica favorecem mais a queda da vogal, principalmente quando a simplificação cria uma ambiência já existente nos padrões silábicos da língua portuguesa. A tabela 2, abaixo, mostra qual um outro ambiente mais propício para a redução da proparoxítona:

**Tabela 2.** Contexto fonológico antecedente à vogal postônica na presença da síncope

Fatores	Ocorrência/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Sibilantes	21 / 74	28%	.88
Nasais	4 / 78	5%	.36
Outras consoantes	36 / 400	9%	.44
Total	61 / 552	11%	
Input .11			Significância .044



Pode-se verificar que as consoantes sibilantes favorecem a síncope da vogal postônica, apresentando o peso relativo de .88. Esse fato explica-se pela possibilidade de tais consoantes ocorrerem em coda silábica, possibilitando a reestruturação do padrão CV para CVC, como nos exemplos: “côcega” > “cosca” e “música” > “musca” ou “musga”.

Quanto ao fator qualidade da vogal postônica, agruparam-se as vogais em central, posteriores e anteriores, porque após uma análise parcial, nas quais as vogais foram consideradas individualmente, os resultados não se mostrariam satisfatórios, visto que algumas vogais ocorreram com pouca frequência nos *corpora*. Confira a tabela 3, a seguir:

**Tabela 3.** Efeito da qualidade da vogal postônica na presença da síncope

Fatores	Ocorrência/Total	Porcentagem	Peso Relativo
Central (a)	21 / 63	33%	.83
Anteriores (i, e, E)	31 / 408	7%	.46
Posteriores (u, o, O)	9 / 81	11%	.39
Total	61 / 552	11%	
Input .11			Significância .044

Fazendo uma leitura da tabela, verifica-se que o peso relativo maior (de .83) revela que as sílabas postônicas com a vogal central /a/ favorecem a realização da síncope, enquanto que as vogais anteriores e as posteriores possuem uma tendência de menor favorecimento. É importante salientar que, dentre as vogais na posição postônica não-final, a queda do /i/ é ainda menos frequente quando a estrutura da sílaba dos contextos circundantes não forma grupos consonantais característicos da Língua Portuguesa, diminuindo, assim, a tendência ao apagamento desta vogal (cf. LEMLE, 1978). Exemplificando, a partir do nosso *corpus*, palavras como: médico [dk], grávida [vd], política [tk], rápida [pd], ótima [tm], são consideradas mais resistentes ao fenômeno (cf. AMARAL, 2002, p. 108). Quando a ambiência circundante pode originar um grupo consonântico, a vogal /i/ é suprimida, como nos exemplos: “mecânica” > “mecanca” e “clínica” > “clínca”, ou há casos excepcionais que foram encontrados nos dados como “médico” > “meco” e “dúvida” > “duda”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo permitiu constatar a tendência à simplificação, no que se refere à síncope das proparoxítonas, por habitantes de Piabas, Matinha e Bananal/Barra dos Negros. Na análise dos dados, verificou-se que os condicionadores linguísticos, que se mostraram mais significativos para a ocorrência do fenômeno, são os fatores: contexto fonológico seguinte, contexto fonológico antecedente e qualidade da vogal postônica não-final. Pudemos verificar também que a fala vernacular é mais natural que a padrão, o que nos remete ao fato de que esta tendência de transformar proparoxítonas em paroxítonas ocorre desde a formação da língua, sendo, portanto, um fenômeno histórico e, ainda hoje, muito recorrente.



## REFERÊNCIAS

- AMARAL, M. P. do. A síncope em proparoxítonas: uma regra variável. In: BISOL, L. e BRESCANCINI, C. (orgs.). **Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 99 –126.
- BISOL, L. (org.). O acento em português. In: BISOL, L. **Introdução aos estudos do português do Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BRESCANCINI, C. R. A análise de regra variável e o programa Varbrul 2S. In: BISOL, L. e BRESCANCINI, C. (orgs.). **Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 13 – 75.
- CALLOU, D. M. I. & LEITE, Y. F. **Iniciação à fonética e à fonologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1995.
- CÂMARA JR., J. M. **História e estrutura da língua Portuguesa**. 4 ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1985.
- COUTINHO, I. de L. **Gramática Histórica**. 6 ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.
- CRISTÓFARO SILVA, T. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. São Paulo: Contexto, 2001.
- DONEGAN, P. J.; STAMPE, D.. O estudo da fonologia natural. In: MATEUS, M. H. M. & VILLALVA, A. (orgs.). **Novas perspectivas em fonologia**. Lisboa: Laboratório de Fonética da Faculdade de Letras de Lisboa, 1979, p. 25 –124.
- LABOV, W. **Modelos sociolingüísticos**. Trad. José Miguel Marinas Herreras. Madrid: Cátedra, 1983.
- \_\_\_\_\_. **The design of a sociolinguistic research project**. Mysore, India: Central Institute of Indian Languages. May – June, 1972.
- LEMLE, M. **Heterogeneidade dialetal: um apelo à pesquisa**. Revista Tempo Brasileiro, n. 53/54, 1978, p.60-94.
- MARTINET, A. **Elementos de lingüística geral**. Lisboa: Sá da Costa, 1978.
- QUEDNAU, L. R. A síncope e seus efeitos em latim e em português arcaico. In: BISOL, L. e BRESCANCINI, C. (orgs.). **Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002, p. 79 – 97.
- RAND, D.; SANKOFF, D. **GoldVarb: a variable rule application for Macintosh**. 1990.
- ROBINSON, J.; LAWRENCE, H. & TAGLIAMONTE, S. **GoldVarb 2001: a multivariate analysis application for Windows**. User´ manual. 2001.



**XII SEMOC** SEMANA DE  
MOBILIZAÇÃO  
CIENTÍFICA  
SEGURANÇA: A PAZ É FRUTO DA JUSTIÇA



SANTANA, J. C. D. O semi-árido baiano e seus aspectos lingüísticos. 2008, Feira de Santana. **Anais da Feira do Semi-árido**. Feira de Santana, 2008a, p. 1-8.

\_\_\_\_\_. A síncope das proparoxítonas na fala da comunidade da Matinha. **Zephyrus**, Caderno de Iniciação Científica em Letras do Departamento de Letras e Artes. Vol. 2. ano 2008. Feira de Santana: UEFS, 2008b. p. 30-41.

SILVA NETO, S. da. **Fontes do latim vulgar (O Appendix Probi)**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1956.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolingüística**. São Paulo: Ática, 1997.

WILLIAMS, E. B., **Do Latim ao Português** – fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa. Tradução Antônio Houaiss. 6 ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1994.